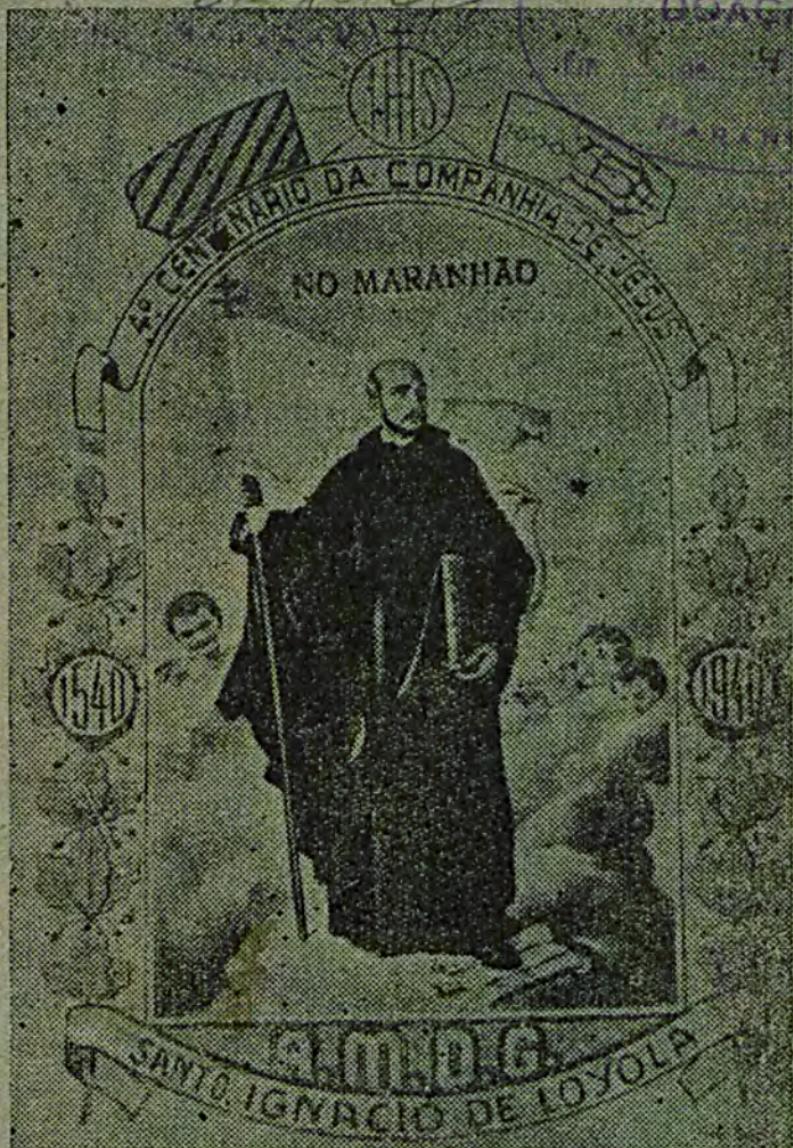


Contrib. Legal  
DUPLICADA  
A 18/09/1940

BIBLIOT. LUSA PÚBLICO  
268  
DOAÇÃO



27 - 9 - 1540

— — —

27 - 9 - 1940



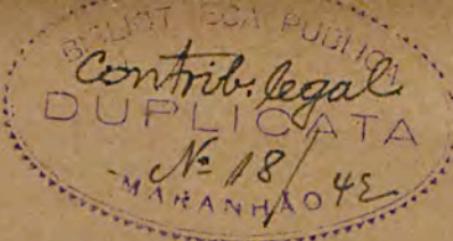
*Dr. Paulo Martins de Souza Ramos, Interventor Federal*



Resumo das Festas comemorativas, no Maranhão, do quarto Centenario dos Jesuítas no Brasil.

Sessão realizada no Litero Recreativo  
Portuguez





Encerrando a sessão, o Exmo. Sr. Dr. Paulo Ramos, Interventor Federal, com a facilidade que lhe permitem a palavra vibrante e reconhecidos dotes oratórios, produziu magnifico improviso, que, em súmula, foi o seguinte:

Começou S. Excia. assegurando seu desvanecimento em associar-se, como brasileiro e como governante, às merecidas homenagens que todo o país prestava na passagem do 4.º centenário da fundação da Companhia de Jesus. Merecidas e devidas, afirmou, porque em boa justiça devemos reconhecer e proclamar desassombradamente que o Brasil no período colonial progrediu e adiantou-se principalmente conduzido pela mão carinhosa e amiga e pelos conselhos dos padres jesuítas.

Disse que êles possuiam, como nenhuns outros colonisadores e catequistas, o dom da autoridade e prodigiosa capacidade de domínio que, desde os albôres de seu apostolado no Brasil, constituiram sinal de predestinação, mais tarde transformado em auréola de benemerência.

Relembrando o esforço e o valôr da grande obra desses missionários, S. Excia. destacou especialmente a conquista, desbravamento e expansão do território pátrio e, muito particularmente, os serviços prestados á capitania do Maranhão, cujas fronteiras ocidentais dilataram e fixaram com a fundação de aldeamentos e missões no alto Amazonas e seus afluentes.

Referiu-se ás perseguições e aos motins suscitados por ambiciosos escravistas, elemento de fermentação que, uzando falsos e caluniosos pretextos, empres-

taram contágio e provocaram o deflagrar da paixão coletiva que culminou com a expulsão dos jesuítas.

Acentuou S. Excia. o papel dos padres da Companhia como mestres e como historiadores no relato dos feitos mais importantes do nosso passado e que hoje constituem cabedal e motivo de orgulho da posteridade.

E finalizou enaltecendo o preito de consagração nacional que se prestava á memória de obreiros humildes, porém valorosos na construção desta grande pátria, que hoje os está a relembrar e cobrir de louvores e de provas de reconhecimento, apezar da modéstia que sempre cultivaram em fugir a honras, homenagens e dons do mundo.

S. Excia. discorreu brilhantemente e recebeu ao terminar do seu formoso discurso uma prolongada salva de palmas.

Mons. Felipe Condurú Pacheco

BIBLIOT. ECA PÚBLICA

DUPPLICATA

MARANHÃO



Ilmo. e Exmo. Sr. Interventor Federal.

Ilmo. e Revmo. Sr. Pe. Superior dos Revmos.

Padres Jesuitas.

Exmas. Autoridades.

Colendo Auditorio.

Quando, em todo o Universo, se celebra o 4.º Centenario da Fundação da Companhia de Jesus, de modo

algum podia a Diocese de S. Luiz do Maranhão deixar de congratular-se com a festiva rememoração de evento assim tão soberanamente auspicioso para a Santa Igreja de Deus.

E congratular-se, meus Senhores, é — não só — cumprimentar, apresentar parabens, desejar felicidades — mas, ainda — dar graças, testemunhar reconhecimento, hipotecar sincera amizade por benefícios recebidos e inolvidados. Tudo isso intenta fazer agora o Arcebispo da Capital Maranhense, embora singela e laconicamente e, até por intermedio do apagado orgão supletivo da sua Arquiepiscopal Autoridade.

Mas, felicitar o bemfeitor por mercês, outróra e mesmo agora, dispensadas — é mister que não exige de quem o desempenha — senão uns tantos graus de entendimento — e um coração capaz de pulsar ao brando sopro da gratidão. Por isso, comparece a esta brilhante assembléa a quasi trisecular Igreja Luizina. Cumpre, jubilosa, o seu dever.

— Não sei, Senhores, si sobre alguém impenda tão justamente o onus irrefugivel e suave de agradecer, como toca esse nobre encargo ao Maranhão católico com respeito á Companhia de Jesus. Os discípulos de S. Inacio de Loiola — quais providentes e carinhosas mães — erigiram, dos seus mais ricos tesouros, a preciosa séde, na qual havia de assentar-se após o próprio Anjo da Diocese de S. Luiz. Ornaram-lhe, em seguida, a hierarquica fronte juvenil com o mais fulgido diadema, aconchegando-a ainda, enquanto vida estiveram ao calor do seu cólio amigo e maternal.

Três anos apenas depois da fundação da Cidade em 8 de setembro de 1612, com a capitulação dos franceses, aqui se estabelecem os padres jesuítas Manoel Gomes e Diogo Nunes, os quais consomem laboriosos anos na catequese dos selvícolas. Sucedem-se, então, uns após outros, os sequazes do grande asceta de Manresa na assis-

tencia material e espiritual aos aborigenes da nossa Ilha, até á criação canonica do Bispado, em 30 de agosto de 1677.

A quando da sua expulsão, por se dedicarem á Santa Sé e aos Indios do Brasil, um alvará regio, de 11 de junho de 1761, designa a sua igreja de Nossa Senhora da Luz, para Catedral, e o seu collegio contiguo, para Palacio Episcopal (Cf. "Historia Eclesiastica do Maranhão", por D. Francisco de Paula e Silva, á pag. 135). São esses os mesmos predios que ainda ali se encontram, ora apenas remodelados.

Desse fato, embora material e permitido pela contingencia historica, decorre uma das razões da nossa divida de gratidão para com a Companhia de Jesus.

Outro motivo, porém, Senhores, e mais imperioso, deve impelir a querida Igreja Maranhense a formar no esplendido cortejo que hoje conduz o carro triunfal de Santo Inacio de Loiola.

Assim como da grande Patria, foram os Jesuitas os verdadeiros plasmadores, os educadores natos do Maranhão catolico dos séculos 17 e 18. Legando-nos as suas mais grandiosas construções entre nós, edificaram-nos, ainda mais gloriosos monumentos, ensinando-nos a cultura, vibrante e poetica lingua que falamos e revestindo-nos do brilhante e invulnerável broquel da perfeita Fé que — autenticos cristãos — nós professamos. Nem esta imensa porção da America seria um só Brasil, nem o nosso Estado um Maranhão verdadeiramente brasileiro, si não fôra a ação decidida, luminosa e forte dos Inacionianos, enquanto lhes permitiu Portugal viver entre nós.

Irradiadores de intensa luz e propulsores de calor e vida — tivemo-los sobre todos os milicianos da aguerrida e indefesa Companhia de Jesus. Si entregues só a êles, os aborigenes maranhenses hoje se desdobrariam em milhões de cidadãos — modelos de patriotas e católicos exemplares.

Sirva-nos de comprovante e paradigma essa figura majestosa e unida do orador e apostolo, filosofo e diplomata, asceta e sabio consumado, que tudo isso e muito mais soube ser e admiravelmente o padre Antonio Vieira — servo e defensor do filho desta gleba — “o seu gentio amado” — que lhe escutou o verbo salutar dos saos ensinamentos. — “Meteóro caido dos rutilos espaços... caudal que esconde os seus possantes braços... tal — Vieira — despresando o hino da homenagem que lhe cantava aos pés a fama universal, para arriscar o peito á frecha do selvagem e abrir tambem caminho ao labaor imortal!” — conforme o havia de cantar um dia a inspirada e saudosissima poetisa baiana Amelia Rodrigues.

E', pois, a Diocese de S. Luiz — e disso se gloria — criação do espirito e do coração dos discipulos do heróico cavaleiro basco que, ha quatro seculos, ordenava em linha de batalha o seu indefectivel exercito, armado á senha da Sta. Igreja Romana. Por isso, esta terra, ainda quente dos seus suores, orvalhada das suas lagrimas e, até, embebida do seu sangue, hoje vibra de santo contentamento, confiando novamente viver do seu verbo inspirado e do seu edificante exemplo.

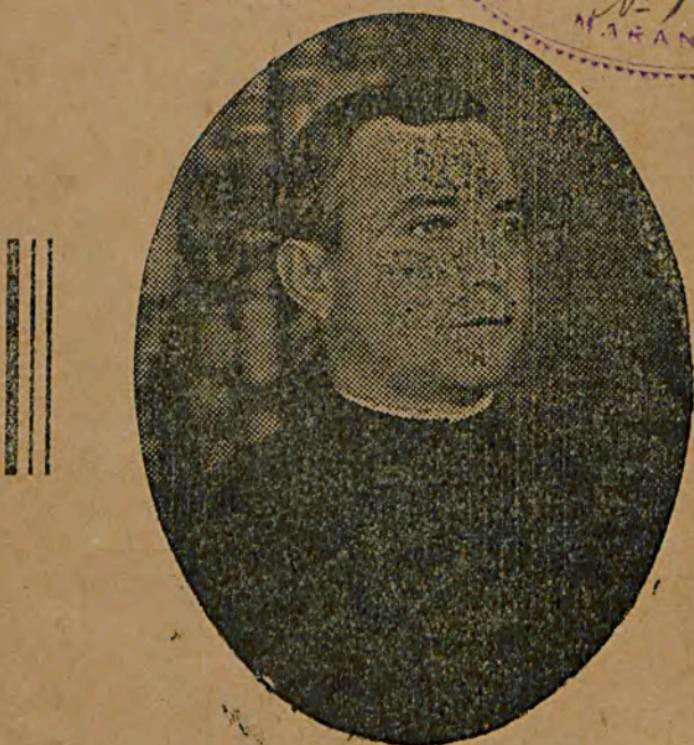
Senhores ! Afirmam-nos cronistas do veneravel Pe. José de Anchieta que, á sua voz profetica e ao taumaturgo aceno seu, baixavam da lucida amplidão a lhe proponer e a seus companheiros benefica, confortadora sombra, entre os ardores da canicula esbraseada nuvens de graças alvissimas e de mui rubros guarás. A' sua ordem humildes prostravam-se feras e rapinas e se aplaunava, docil, quedo, o proprio mar irado e tormentoso.

Companheiros e filhos espirituais de seus irmãos — o Clero e os fieis da Sta. Igreja no Maranhão — agradecidos se prosternam perante o Eterno Pastor, recordando as figuras glorioas dos primeiros pais e pioneiros da sua legitima civilização cristã. E lhe suplicam —

ao Senhor da Messe — que mande para a sua seára na terra maranhense — nova, refulgente, santificadoras “cempanhia” de militantes e dirigentes para Jesus, toda ela, da tempera do ouro das estreias e refundida nos moldes dos Vieiras, Malagridas e Anchietas. Candidos e olentes como lirios, esbrasados de amor — quais rubidos sóis a irradiar fulgores — á maneira exemplar dos seus maiores — domem as feras das paixões e subjuguem as mesmas ondas frementes das vaidades mundanais, suave e luminosamente a nos encaminhar até ao porto de onde se fica extatico a contemplar de perto o Verdadeiro Sol da Eterna Vida !

Conego Arias de Almeida

BIBLIOT. ECA PÚBLICO  
Contrib. regal  
DUPLICATA  
Nº 18/42  
MARANHÃO



Jovens de minha terra, manhã festiva da mocidade em ascenção triunfal para o pleno meio dia de uma apoteose que, do vertice da honra, da cultura e do trabalho, entornará sobre a fronte augusta da Patria, as mais copiosas e escolhidas bençãos; esperanças do Maranhão e do Brasil, ouvi.

O conterraneo que tem, nesta concentração, inspirada pela justiça, o doce privilegio de vos falar, falavos pelo coração, que não se pode praticar com a juventude sem ter na mão o proprio musculo vital e,

dentro dele, em estremeções generosas, de otimismo é bondade, o coração deles, os moços, de toda a gente simpatizados e queridos, pois lhes compete receber, em dias porvindoiros, das mãos dos veteranos que a idade desarma, como para cederem o campo á ansiedade pacificamente guerreira de outros heróis, compete-lhes receber os destinos da terra-berço, com a incumbencia de lhe conservarem e enriquecerem ainda mais o valioso patrimonio que um passado, sem eclipses, indescontinuadamente conquistou.

E a prova tangivel e incontrovertida do alto conceito em que tendes, mocidade, a roupeta do inaciano, conceito que responde, nos rigores da mais exata fidelidade, aos imperativos do testemunho historico, é a vossa afluencia a este local, ora transbordante de graça e entusiasmo juvenis, para glorificar, num preito panoramico, a toda a Companhia, na pessoa de um dos seus mais lidímos expoentes, de um dos seus mais preclaros representantes, o qual tão fartamente se cobriu de estranhos meritos que, na hipotese absurda de serem autenticos os requintes de iniquidade atribuidos ao sodalicio, Vieira, somente Vieira contaria, no seu ativo, peculio em oiro, e do melhor, não em quilos mas ás toneladas, para resgatar todas essas dívidas, ficando, ainda, a cavaleiro do perigo de ver desfalcada a maravilhosa opulencia em que, pelo genio e pela virtude, se extremou.

Aqui estais, meus amigos, para render o culto da vossa inteligencia e do vosso espirito, do vosso cerebro, insaciavel na aquisição dos conhecimentos uteis, e do vosso carater, talhado na rocha viva do Evangelho, aqui estais — e como conforta fixar em vós o olhar! — para, num gesto superior, que bem define a vossa personalidade, aplaudirdes o nosso, mais nosso do que de ninguem, Pe. Antonio Vieira.

E onde nos concentramos? Calculadamente e

muito de caso pensado nos reunimos na praça fronteira á igreja de Santo Antonio, igreja de merecido renome, onde êle, o Crisostomo português, proferiu o inimitavel, porque unico, na eloquencia e na originalidade, sermão aos peixes, igreja que tem como padroeiro o Santo mais popular do mundo, conterraneo e onomastico do jesuita em comovida evocação.

Num e outro, quer no que foi cognominado de "arca do Novo Testamento", quer no que se chamou "assombro do seculo e honra eterna da Igreja Católica", tiveram indubitavelmente, o pulpito e a catedra profana modelos imperecíveis de arte e sabedoria, associadas em monumentos de inalteravel beleza, em que se realçarão, pelos seculos em fóra, os dotes da Verdade eterna.

Não partireis daqui, porém, almas juvenis, ditosamente escravas dessa inquietude que se gera no esforço de um vôo continuado para o ideal, sem ouvir, para mais vos consolidardes na estima do imortal defensor dos nossos selvicos, o que a respeito de sua individualidade, com esse porte e atrevimento de gigante, aqui e ali, externaram vultos reconhecida competencia e raro brilho na esfera da intelectualidade tanto no Velho como no Novo Mundo.

Amanhã, um de vós, em sessão solene, comemorativa da passagem do 4.<sup>º</sup> Centenario da Companhia de Jesus, sessão a realizar-se no edificio do Gremio Litero-Recreativo, dirá, no seu e no vosso nome, da admiração e reconhecimento da juventude maranhense á memoria daqueles que, si foram os cabouqueiros imperterritos da nacionalidade, foram, antes de tudo, amigos e sacrificados apostolos do Maranhão.

Sim, os que, apenas chegados a estas plagas, ao lado da ermida da Senhora da Luz, ergueram o collegio que tinha de espargir, do mesmo passo, os fulgores da instrução e da formação moral entre os filhos dos português e dos aborigenes, tais pioneiros do ensino, no

ambiente desta gleba predestinada, não podiam, não deviam e, em hipótese alguma, haviam de ser esquecidos pela delicadeza de conciencia, cristã e patriotica, dos briçosos estudantes da Atenas Brasileira.

Recorramos ao farto manancial do "Vieira-Pregador", soberba antologia, em que o zelo e o talento do Pe. Gonzaga Cabral, tomado de verdadeira paixão pela obra vieiriana, coligiu o que de mais fino e encomiastico já brotou de penas autorizadas no tocante ao sacerdote que preferiu, desinteressado e piedoso, á corte de D. João IV as florestas virgens do Maranhão, que deu as costas á diplomacia nas suntuosas metropoles europeias para vir catequizar os nossos indigenas, para vir falar de Deus aos idolatras que, sob o imperio do absolutismo antropofago, infestavam estas regiões.

Abra a serie de panegiristas o Pe. André de Barros: "Proponho, diz êle, ao Mundo um dos maiores homens de Portugal, e proponho a Portugal o maior homem que em muitas idades êle deu ao Mundo".

Siga-se Sebastião da Rocha Pita: "O seu talento foi maior que o seu nome, com o qual voou por ambos os hemisferios a fama, levada pela sua pena".

Cabe a vez a Ferdinand Dinis: "Vieira passa, com justiça, por um dos maiores prosadores de Portugal, si não é o primeiro".

D. Augusto Eduardo Nunes, arcebispo de Evora, dispensa-lhe este tratamento: "Um dos mais habéis diplomatas, um dos melhores cidadãos, um dos mais virtuosos sacerdotes, um dos mais ardentes conquistadores de almas, um dos mais nobres caracteres, uma das maiores almas, e — para dizer tudo em menos palavras, valendo-me das que lhe aplica um critico insuspeito de favor — "um dos varões mais benemeritos de nossa patria".

Ouça-se, em quarto lugar, o juizo franco de Latino Coelho: "O Pe. Antonio Vieira aparece como figura

principal em todas as ocasiões e em todos os lugares em que se pede contra a arrogância castelhana um coração verdadeiramente português, um espírito fertil e inventivo, um animo aventureiro e resoluto, um conselho prudente e moderado".

Vai manifestar-se Rebelo da Silva: "O idioma patrio tornou-se em suas mãos um instrumento docil, poderoso, irresistivel".

Faça-se ouvir a voz do nosso João Lisbôa: "Homem singular e extraordinario, escritor eloquente e soberbamente inspirado..."

O testemunho de Fausto Barreto e Carlos de Laet resume-se nestes termos: "Como orador sagrado atinge universal nomeada, e aos Brasileiro simpaticamente se recomenda como propugnador da liberdade dos Indios e eloquente adversario da invasão holandesa".

Camilo Castelo Branco não é dos menos ardorosos admiradores do insigne jesuita, por isso o celebra no ritmo desta linguagem: "As opulencias que Vieira aditou á prosa constituiram o idioma português no alto ponto das linguas mais ricas, se já então houvessemos entrado em comunhão de ciencias com a Europa... O seu modo de adjetivar é irrepreensivel, a propriedade do epíteto é nêle tão original que não a podemos derivar de Camões nem de Barros".

Não nos privemos de conhecer a opinião de Eça de Queiroz: "Os seus magnificos sermões arrebatavam tanto a gente inculta do Brasil, como encantavam em Roma o sabio e requintado mundo dos prelados romanos. A sua fama estendeu-se por toda a Europa".

Satisfaça-nos a curiosidade o talento verbal de Alves Mendes: "Grande Fadre!" chamavam os inocentes indios do Brasil ao seu generoso mestre; e, tão grande que, até hoje, em terras portuguesas, nenhum outro se lhe avantajou na universalidade da grandeza".

Por fim, Sena Freitas, cujo centenario de nasci-

mento os lusos, com ufania, acabam de festejar: "Glorioso sacerdote, exemplo sublime do genio, de talento, de saber, de zelo, de dedicação, de atividade e de patriotismo, qualidades que sobrenadam e resistem através da historia".

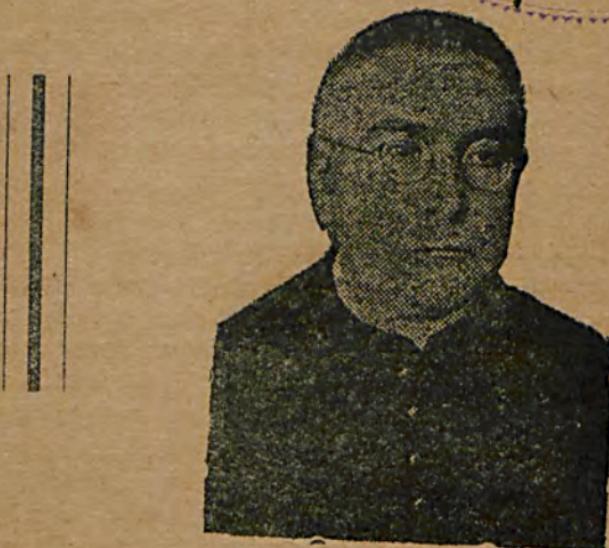
E estais satisfeita, ó nobre classe estudantil maranhense, de ouvir justos preconícios ao vosso homenageado na poesia ideal desta tarde.

Não é, porém, com estas citações que vou encerrar o meu discurso, e, sim, com uma definição, a mais singela possível e, entretanto, para mim e para vós, a mais expressiva e a mais grata ao nosso coração de maranhenses. Haveis de concordar comigo em que a mais eloquente e completa definição que um maranhense pôde dar de Vieira é que foi ele o maior amigo do Maranhão.

Rapazes, viva o maior amigo do Maranhão ! Viva o Padre Antonio Vieira !

Padre Alfredo Costa

BIBLIOT. ECA PÚBLICO  
Contrib. legal  
DUPLICATA  
Nº 18 42  
PARANÁ



Exmo. Snr. Dr. Paulo Ramos, Dignissimo Interventor Federal.

Exmo. Revmo. Mons. Felipe Condurú, Governador do Arcebispado.

Exmas Autoridades civis e militares.

Exma. Comissão promotora desta homenagem.  
Senhoras, Senhores.

Deve-vos neste momento a Companhia de Jesus o máximo de sua gratidão por esta homenagem, sincera, amiga, neste seu 4.º centenario de sua existencia.

Em nenhuma parte do mundo, estou certo, este centenario foi celebrado como no Brasil.

Governo, antigos alunos, centros culturais, todos se reuniram para mostrar á Companhia o seu afeto e reconhecimento.

Nem outra coisa era de esperar pois que o Brasil sempre se mostrou reconhecido e o mostrou nos momentos mais críticos e aflitivos dos seus primeiros mestres.

Baste relembrar a maneira como recebeu os jesuítas, apesar das recomendações em contrário de Afonso Costa, após a revolução de Portugal em 1910.

Uma comissão lhes comunicou que podem desembarcar no Rio, e é um maranhense que lhes leva esta nova e os acompanha ao Externato S. Inacio — Dr. Cândido Mendes de Almeida.

A Companhia, por sua vez, imbuída no espírito de S. Inacio, que não só a manda ser, mas, lhe traça as normas dessa gratidão, trabalha com denôdo na obra da educação da Juventude Brasileira, nos seus colégios, verdadeiros repositórios de sacrifícios; trabalha na formação da elite do seu clero, no colégio brasileiro em Roma e vai trabalhar na formação dos seus homens de ação na Universidade Católica que se já dirigida pela Companhia. — Disto tenho comunicação oficial.

Como filho dessa Ordem Religiosa, agradeço as homenagens prestadas pelo Maranhão, fazendo ardentes votos pela prosperidade sempre crescente deste opulento Estado e do seu nobre Governo.

## Des. Leopoldino Lisboa



Foi ao tempo da luta religiosa que a igreja católica teve de sustentar no século XVI contra idéas reformistas, que a Divina Providencia inspirou ao fidalgo e ardoroso soldado Inácio de Loiola a organização da Companhia de Jesus, como falange de defensores da fé e propagadoras intransigentes, entre pagãos, heréticos e menos esclarecidos, da doutrina integral pregada por Jesus Cristo.

E fazem precisamente 4 séculos que a bula "Regimini militantis Ecclesiæ", do pontífice Paulo 3.º, aprovou e definitivamente instituiu a Ordem inaciana, inspirada no santo propósito de seu fundador: de observar os

ensinamentos do Cristo ou melhor, seguir sempre em companhia de Jesus.

A milícia dos filhos de S. Inácio, aumentada e desenvolvida como por milagre da graça divina, atirou-se às mais temerárias emprêsas, ao oriente e ao ocidente da Europa e aos povos mais afastados no mundo desconhecido, em missões evangélicas, enfrentando os maiores perigos da natureza agreste e da impiedade adversa, realizando nestes 400 anos, extensas descobertas, obra imensa de propagação de fé, serviço relevantíssimo à civilização e renovação dos costumes.

Particularmente para o Brasil, apenas 40 anos depois de descoberto, foi despertado o zêlo jesuítico e a primeira turma de missionários, atraída principalmente pela catequése de nossos selvícolas, chegou à Baía com Tomé de Souza, 1.º governador geral, de modo que em 1554 já existia no Brasil, legitimamente constituida, uma província da Ordem.

A ação dos jesuítas na catequése dos íncolas, muito mais que a dos governadores e colonos, foi proveitosa aos interesses da religião e do país. Relembro apenas os nomes veneráveis e imortais dos padres Manuel da Nóbrega, Luiz da Grã, Leonardo Nunes, Aspilcueta Navarro, Afonso Braz, Fernão Cardim, Inácio de Azevêdo, João Fernandes, Bartolomeu Simões, com justiça homenageados hoje pelos rincões do país, onde viveram, trabalharam e sofreram como anjos da guarda pela formação da nacionalidade.

Poupando vossa atenção, quero destacar apenas o expoente de virtudes, o meigo padre José de Anchieta, o santo, chegado ao Brasil em 1553 que muitas vezes afrontou a fome, a nudez, as doenças e a morte na pacificação e doutrinamento dos índios e em sua missão evangélica na selva selvagem. A destemerosa resolução de ficar como refém durante três meses com os índios reunidos em Ipêroig, até que fosse assinada a paz, —

"entre homens feras e mulheres nuas", — na frase de Simão de Vasconcelos, é um raro exemplo de amor, altruismo, abnegação e confiança em si mesmo. Servo de Deus, era invencível na bondade e infatigável no ministério. Ilustrado, conhecedor da língua brasílica, envergadura de mestre e educador, poeta e botânico, era, sobretudo, amigo da terra que ele chamava "minha boa terra", como chamava ternamente aos índios "meus filhos". Morreu resignadamente, a 9 de Julho de 1597, ao cair da tarde, em sua humilde cela junto à igreja que construiria em Rerigibá, depois Lanevente e hoje cidade de Anchiétia. Seu corpo, carregado pelos índios em pranto e romaria comovente, foi conduzido pela praia durante 3 dias, com cruz alçada, para ser sepultado em Vitória, capital da Capitania. Pelos prodígios que operou, foi proclamado — apóstolo do Brasil, — do mesmo modo que S. Paulo, mereceu a honra de ser chamado — apóstolo dos gentios.

Nos primeiros tempos da colonização, os padres da Companhia ajudaram a fundação das cidades do Salvador, Rio de Janeiro, Olinda, e eles mesmos foram fundadores de S. Paulo, Vitória, Fortaleza, notando-se que, em todas, levantavam os primeiros templos, e organizavam as primeiras escolas e colégios.

Foi a de maior preponderância, a ação dos padres da Companhia na Capitania e depois Estado do Maranhão, denominação que compreendia o território de todo o setentrional brasileiro, até os limites de Pernambuco, numa extensão de mais de 400 léguas.

Os precursores do movimento colonizador na Capitania, foram os jesuítas Francisco Pinto e Luiz Figueira, ambos mártires do Maranhão. Em 1608, empreenderam a missão, partindo de Pernambuco em um barco de sal para Jaguaribe, de onde seguiram por terra, a pé, e alcançaram a serra de Ibiapaba. Neste ponto, foi o padre Pinto barbaramente assassinado pelos Tacarijús,

côncorrendo o Pe. Figueira regressar e organizar outra expedição, com a qual chegou à ilha de S. Luiz. Mais tarde, ao salvar-se de um naufrágio, caiu em poder dos Aruans, na ilha de Marajó, que o devoraram e aos seus companheiros.

Estiveram no Maranhão, empenhados no desbravamento da terra e civilização dos naturais, os jesuitas Luiz Figueira, Manuel Gomes, Diogo Nunes, Benedito Amodei, Francisco Pires, José Moraes, Francisco Veloso, Lopo de Couto, João Betendorf, Gabriel Malagrida e alguns outros, que todos tiveram de sustentar luta e adversidade dos colonizadores gananciosos, que pretendiam reduzir os indios ao cativeiro.

Depois de bem conhecida a ilha de S. Luiz, organizaram os valorosos irmãos de Loiola, entradas e explorações ao continente, subindo pelos rios Itapecurú, Meirim e Pinaré, na faina de fazer a descida dos indios e chamá-los à civilização, o que sempre conseguiam, captando-lhes a estima e a confiança e sendo obedecidos a tal ponto, que, durante a saída forçada dos missionários inacianos, regressaram todos a suas tabas e imploravam o regresso dos bondosos catequistas.

A primeira igreja de S. Luiz, fai a dos jesuitas, dedicada a N. S. da Luz, e o primeiro colégio, foi também o que organizaram e teve tamanha prosperidade e conceito que chegou a receber alunos vindos de Lisboa.

Conhecidos os rios que desaguam no golfo maranhense empreenderam a exploração do litoral do norte, e o devassamento dos rios Amazonas, Tocantins, Xingú e Madeira.

Já a esse tempo, com a morte cruel do Pe. Figueira, viéra, em 1653, como superior da missão, o Pe. Antonio Vieira, que pessoalmente acompanhou muitos reconhecimentos e perigosas viagens ao desconhecido, inclusive uma estrada por terra, de São Luiz a Belém.

Não se comprehende como se consolidou o senti-

mento nacional e patriótico no Brasil, sem aferição catequética das fontes em que se congraçaram indígenas e alienígenas, na unidade dos sentimentos de fé, de fidelidade e de amor à gleba.

Naquêle tempo, divulgou-se na Europa o ditado: “além do equador não existe pecado”, como se a linha equinocial fosse o limite entre a virtude e vício. Essa propaganda nefasta, guiou para o Brasil, já de antes transformado em couto oficial de degredados, uma léva de aventureiros, corrompidos, desordeiros, criminosos e desclassificados de toda sorte, um verdadeiro refúgio ou escória social da população do outro lado do Atlântico. E' bem de ver que a semelhante elemento de colonização, vultoso talvez em quantidade, porém minguado em qualidade, faltavam predicados nobres e desejaveis na formação da sociedade, que só muito lentamente se foram selecionando, na próle advinda desse agrupamento.

No meio social de antanho, assim deficiente, os jesuítas foram vanguardeiros infatigáveis, pela palavra, pela ação e pelo exemplo, em todas as iniciativas para a paz e o bem geral, educação do povo e progresso da nacionalidade.

Desde as primeiras expedições portuguesas, exploratórias da terra virgem, e que estabeleceram primeiros entendimentos com os selvagens, foram os padres da Companhia, que forneceram os primitivos roteiros à civilização, com informações sobre a fertilidade do solo, que logo consideraram *vasto paraíso*. E é de notar o exemplo e desprendimento com que os inacianos pediam para vir prestar serviços na missão do Maranhão. A coragem destemerosa de Antonio Vieira, desesperada de poder prosseguir na missão do Japão, assim se empenhava, em carta ao Provincial, em 1652:

Um punhado de farinha e um carangueijo, nunca nos pôde faltar no Brasil, e, enquanto lá houver algodão e tujucos, nunca nos falta-

rá de que fazer uma roupêta da Companhia... não faltarão particulares que nos ajudem com suas esmolas e, quando não hajam, resolver-me-ei a imprimir os borrões dos meus papelinhos, que o mundo se tem enganado com êles. Palavras admiráveis de dedicação e humildade, quasi incriíveis que pudessem ser escritas, com sacrifício da vida anterior de um homem admirado como grande teólogo, diplomata, estadista, pregador emérito, válido da Corte e íntimo conselheiro de El-Rei D. João IV"!

Chegando ao Maranhão logo informava: "Não há aqui quem instrúa, mas há todos que escravisam". Neste Estado Vieira foi realmente missionário bondoso e exemplar; dentro em pouco falava e doutrinava em diversos dialetos dos aborígenes, acompanhava todas as expedições, estimulava qualquer idéia ou cometimento nobre e (lembamos sempre) propugnou pela fundação da Santa Casa de Misericórdia, a quem ofertou o primeiro leito: o seu, passando a dormir em uma esteira.

Depois de ter experimentado as agruras do apostolado e os martírios do desconhecido, informava deste modo a El-Rei:

... estas terras não são como as da India ou Japão, onde os religiosos vão de cidade em cidade, mas tudo são brenhas sem caminho, cheias de mil perigos, e rios de dificultosíssima navegação, pelos quais os missionários não hão de ir nadando, senão em canoas, e estas muitas e bem armadas, por causa dos bárbaros, e estas canoas, e os mantimentos para êles, e os remeiros e os guias, e os principais defensores tudo são indios, e tudo é dos indios...

Oprimido e malquisto pelos dominadores gananciosos, que lhe procuravam desnaturar as intenções, assim se expressava Vieira, em 1655, em Lisboa, no seu sermão da Sexagésima:

Tudo isso padeceram os semeadores evangélicos da missão do Maranhão, de doze anos a esta parte. Houve missionários afogados, porque uns se afogaram na boca do grande rio das Amazonas; houve missionários comidos, porque a outros comeram os bárbaros na ilha dos Aruans; houve missionários mirrados, porque tais tornaram os da jornada do Tocantins, mirrados da fome e da doença, onde tal houve, que andando vinte e dois dias, perdido nas brenhas, matou somente a sêde com o orvalho que lambia das folhas. E que sobre mirrados, sobre afogados, sobre comidos, ainda se vejam pizados e perseguidos dos homens ?

Informações cheias de verdade ! Os religiosos, afeitos ao sacrifício, ao jejum, à frugalidade, enfrentavam por terra, descalços, famintos, com a roupéta rasgada, às vezes tiritantes de frio e de febre, a floresta inextricável, cipoais emaranhados, charnécas bravias, transpondo charcos, alagadiços e correntes de que não sabiam o vau. Além do desconforto, o perigo da viagem e o receio pela dedicação do companheiro indio...

Entretanto a renúncia de Vieira ao bem-estar terreno e a humildade de sua roupéta de algodão, remendada, mais parda que preta, nunca lhe tolheram a altitude e a ação desassombrada, e se algumas vezes, por amor à paz ou acatamento à autoridade régia, concordou e contemporizou com exigências dos dominadores, fê-lo como quem se sujeita a ter um espinho na própria carne.

Em seus admiráveis sermões, evangelizando, dominava sempre os ouvintes com o peso dos argumentos e sua palavra incisiva — ora cartel de desafio, ora rebate de hostilidade — era como a lança carbonizada e ensanguentada, que os antigos romanos arremessavam ao território inimigo. Frequentes vezes o pensamento

velado do tribuno ardoroso envolvia propósito ferino, como flôres que escondem farpas.

Os jesuitas, no Maranhão como em todo o Brasil, não foram somente soldados de Cristo e conquistadores de almas, foram grandes obreiros na formação dos sentimentos do povo, foram árbitros respeitados, conselheiros e orientadores, amaram estremecidamente o país e cooperaram na organização da pátria brasileira, desde o território, á lingua e á nacionalidade. Dizei vós, meus senhores, quem é mais amigo do país: os que defendem os filhos da terra ou os que pretendem escravisá-los?

Sem o concurso dos escritores jesuitas teria ficado, em longo período, desconhecida a historia do Maranhão.

Alfabetizando e ensinando ofícios e artes aos indígenas, instruindo e educando gerações sucessivas de maranhenses, foram os jesuitas, vamos confessá-lo, que aparelharam o cabedal de sabedoria da Atenas brasileira, deixando sempre iluminados os caminhos que percorriam e os mais leves traços de suas lições.

Muito padeceram entre nós os padres da Companhia, mas padeceram com lástima dos bons, o que é bem melhor que triunfar com aplauso dos máus.

Sêneca definia o tempo "sepultura de todas as coisas", quando a glória é o sol dos mortos e circunflue como os líquidos. A memória imperitura dos predestinados e bemfeiteiros da humanidade difunde claridade e fulgores, inapagáveis porque êles são contemporaneos do futuro e a personalidade moral sobrevive á individualidade física.

Nós, que neste século desfrutamos a efêmera felicidade terrena, fugaz e perecível, agora que a voz da historia abafou possíveis ressáibos de paixão ou de magua, proclamemos bem alto a gratidão respeitosa e muito reverente dos maranhenses aos filhos de S. Inácio, não somente batalhadores da fé, defensores dos oprimidos, irmãos dos sofredores, inflamados no fôgo da caridade,

mas aos semeadores de luz, operários do porvir, que plasmaram nas diretrizes morais da mocidade brasileira, de par com os ensinamentos cristãos, o conjunto de elementos de formação espiritual que são garantia do êxito na luta e no trabalho e o escudo de defesa nos embates da vida.

Ação patriótica e de benemerancia, intimamente ligada à nossa historia e ao nosso passado e que continuará conosco em demanda do futuro e PARA MAIOR GLO'RIA DE DEUS.

# Artur de Souza Rabut



A' trindade  
augusta-Vieira, Nobrega  
e Anchiéta



*Missionarios do Bem ! Vencestes com ardor,  
Neste grande Brasil, neste imenso país,  
Onde a vossa missão, toda de Paz e Amôr,  
Vicejou e cresceu e foi muito feliz !*

*A escravidão vermelha, era a força motriz !  
E a ambição do colono e todo o seu clamor,  
Não puderam deter a firme diretriz,  
Que vinhais de imprimir a todo êsse labor !*

*Mesmo com impecilho e muitas dissensões,  
O vosso Apostolado era belo e sublime,  
Sujeito, no entretanto, a duras provações...*

*E no afan de lutar em conquista dos Céus,  
Vendo o povo sofrer, sob o jugo que oprime,  
Quizestes combater, para glória de Deus !*

Dr. Alcemiro Saint-Clair

PELICULA PUBLICA  
Contrib. legal  
DUPLICATA  
26/18/42  
MARANHAO

II



Distinguido com honroso convite da Comissão Promotora das Comemorações do Quarto Centenário da Fundação da Companhia de Jesus, no Maranhão, — à frente da qual sobresai a figura inconfundível desse maranhense ilustre, que é Leopoldino Lisbôa — para falar na Radio Difusora Maranhense, sobre a obra dos Jesuítas no Brasil, foi com sincero desvanecimento que aceitei a tarefa, certo de que, si os meus dotes intelectuais não permitiam produzir uma peça magistral, que passasse à posteridade, pelos altos conceitos, porventura, nela emitidos, pelo menos o cunho de sinceridade, oriundo da boa vontade em ser útil aos meus irmãos de crença, e a nítida compreensão dos fatos históricos, pela leitura constante das boas obras, em que seria a

palestra vasada, me absolveriam, perante os meus patrícios, do arrojo do cometimento.

Decerto. Não conhço afoiteza maior. Ha alguns meses, apenas, hóspede desta magnifica terra, ainda não integrado, por isso mesmo, no seio da coletividade maranhense, somente a bondade inexcedivel dos componentes da ilustrada Comissão, poderia me impelir á ousadia tamanha.

Conto, porém, com a decantada gentileza dos filhos da maravilhosa Atenas Brasileira.

\*\*\*

Iniciara-se o ano de 1540, em meio uma atmosfera quasi irrespiravel para o cristianismo, em consequencia da indisciplina provocada no seio do pontificado romano, pela ação de Lutero, anos atrás, rompendo com o Vaticano, protestando contra as indulgencias, se insurgindo contra os postulados sagrados da Igreja de Cristo, e, finalmente, se intitulando chefe da Reforma Religiosa, iniciada no coração da Alemanha.

Portugal chegára, no limiar desse século, o XVI, ao apogeu de suas glórias.

Descobrirá-se o Brasil e os aventureiros, de todos os quilates, procuravam a nova patria luzitana, encontrada por Cabral, a fim de, nela, localizar as fontes auriferas de suas ambições. E, para maior probabilidade de êxito facil de suas emprêsas, arrebanhavam negros da Africa, para o Novo Mundo, e os punham em promiscuidade com os indigenas, escravizando estes, também, e empregando-os nos trabalhos mais duros, para maior apaiolamento de haveres e esbanjamento, empós, nos atos de libertinagem e depravação, a que se entregavam, nas horas de lazer.

Foi quando Inacio de Loiola, já venerado como um santo, em ocasião que se sentira em extase, escreveu, sob ditado da Virgem Santissima, os postulados de uma nova organização eclesiastica, que viria pôr termo

aos desmandos e imoralidades, que avassalavam o mundo, reintegrando-o no ritmo natural da moral e da justiça.

E surgiu, então, sob esses auspícios, aos 27 de Setembro de 1540, a Companhia de Jesus, iniciando, de logo, a obra altamente evangelizadora, na Índia, nas Américas e, em especial, no Brasil, pela palavra dourada, eloquente, vibrante dos filhos do grande Loiola, propagando a fé, destemerosamente, no meio das populações incultas e ferocíssimas das terras descobertas e conquistando as almas indígenas para o amor e a glória de Deus, formando uma civilização no Mundo Novo.

E a obra dos padres de Jesus foi extensa e salutar.

OTTO RANKE, num dos seus livros, descreve-a nesta frase de alto conceito: — “A conquista transformou-se em missão, a missão em civilização”.

E LUCIO D'AZEVEDO, que, por vezes, não olhava os jesuítas, com bons olhos — segundo conceito emitido pelo PADRE MANOEL NARCISO MARTINS, tradutor da obra “JESUITAS DO BRASIL E DA ÍNDIA”, da autoria de José Caeiro, — não vacilou em afirmar, em a sua obra “Os JESUITAS NO GRÃO-PARÁ”, que “tôdas as ordens religiosas cooperaram nesta empresa capital da sociedade moderna; a nenhuma, porém, foi dado exceder, nem mesmo igualar, a Companhia de Jesus”.

Na Europa, mesma, os filhos de Inácio pontificaram. No seio da própria Alemanha, de Lutero, chegaram a penetrar e, lá dentro, firmar as bases do seu pontificado.

Passaram a ser conhecidos como os restauradores dos estudos, especialmente do de humanidades.

No Novo Mundo, porém, tiveram o seu mais acen-tuado trabalho, esses homens fortes e vontadosos da Companhia. Missionários, colonos, lavradores, artífices, mestres, historiadores, geógrafos, estadistas, devassaram toda a extensão territorial da sul-américa, penetrando

as mais escondidas e intrincadas solidões, desde os campos vastos e longinquos do Paraguai, até as fronteiras inhóspitas e sombrias da planicie amazônica.

A chegada dos Jesuitas no Brasil foi assinalada com a vinda de Tomé de Souza, para governar a Baía, em companhia de quem veio o grande MANOEL DA NOBREGA, em 29 de março de 1549.

De NOBREGA, o padre BALTAZAR TELES, no seu livro III, capítulo VII, n.º 5, "Cronica da Companhia de Jesus", escreveu: — "Ele era um pai mui amoroso para os pobres, e unico remedio para os desamparados, assim portuguêses, como indios; ele foi o principal que amansou e domesticou aquela gente, mais feras que as mesmas feras; ele os ajuntou em aldeias, ele lhes dava leis, ele os ensinava e doutrinava, e lhe tinham tão grande obediencia, que o que não podia acabar o governador por força de armas e violencia da polvora e pelouro, acabava o padre MANOEL DA NOBREGA só com a sua presença e poucas palavras".

Depois, o imortal ANCHIETA, chegado ao Brasil em 1553, onde ensinou latim, ao mesmo tempo que aprendia a lingua geral, foi presa dos tamóios, durante cujo cativeiro, que durou três meses, compôs em latim, a Vida da Virgem Santíssima, em 5.700 versos, sobre a areia — existencia referta de duras provações e incontaveis perigos de vida — que soube resistir, com verdadeiro estoicismo de santo, todos os revezes, alçando-se no coração dos brasileiros como um verdadeiro relicario de fé e caridade.

Por fim, VIEIRA, o grande ANTONIO VIEIRA, em 17 de janeiro de 1650, aqui no Maranhão, firmando o seu pontificado, nesta grande e abençoada terra da parte norte brasileira.

A historia deste grande apostolo da humanidade está tão intimamente ligada á historia do Brasil, e em especial à do Maranhão, que não podemos referir os

maiores feitos da época, sem que ressaltamos a figura de VIEIRA, o orador dos Peixes, da Igreja de Sto. Antonio, de S. Luiz.

E' que "a Companhia de Jesus começou a ser verdadeiramente poderosa na América portuguêsa com o grande ANTONIO VIEIRA" — refere Lucio d'Azevedo.

Somente depois do suplicio de MALAGRIDA, ordenado pelo Marquês de Pombal, após a morte da rainha austriaca, esposa do rei de Portugal, foi que desapareceu no Brasil o poderio da Companhia.

E' que VIEIRA, com o prestigio que trouxera da Corte, a inteligencia privilegiada, o talento formoso, a cultura poliforme, com que a Providencia o dotara, empolgou em pouco tempo, governantes e povo, conquistando-lhes as simpatias e firmando os alicerces da Companhia nesta parte abençoada do território do Brasil.

Teve as suas fases gloriosas o padre, mas, teve-as, também, repassada das mais duras provações.

E é BARROS, no seu livro V, da "Vida do Padre Antonio Vieira", quem no-lo afirma, transcrevendo uma carta do apostolo, escrita no Maranhão, para Lisbôa, da qual destacamos este trecho:

— "Sabei, amigo, que a minha vida é esta: — Ando vestido de um pano grosseiro da terra, mais pardo que preto; como farinha de pau; durmo pouco; trabalho de pela manhã até a noite; gasto parte dela em me encomendar a Deus; não trato com viva creatura; não saio fóra sinão a remedio de alguma alma; choro meus pecados; faço que os outros chorem os seus; e o tempo que me sobeja destas ocupações levam-no o livro da Madre Sta. Tereza, e outros, de semelhante leitura.

"Mas, o que é certo é que além do trabalho do pulpito, do confessionário e da catequese,

ocupava-se, tambem, o imortal VIEIRA, em trabalhos muito mais rudes. Até cozinhava".

• • •

A Trindade magnifica que deu ao Brasil-colonia o maior esforço cristão e o mais nobre sacrificio humano na colonização da nova terra foi constituida por esses santos varões: — NOBREGA, ANCHIETA e VIEIRA — exemplo de tenacidade, resignação e cultura da raça.

Ha um outro nome, porém, que não pôde deixar de ser evocado nestas comemorações: é o do Padre FRANCISCO PINTO, que, empreendendo, com outros companheiros, uma viagem, em 1607, a pé, do Rio Grande, na tentativa de descobrir o Maranhão, através da serra da Ibiapaba, "serra de difícil ingresso pela banda em que fica a costa, e a terra fecunda de tudo em que nela se planta... Tem belos ares ainda que no inverno mais frios: muito bom clima e névoas como em Portugal", segundo o Padre JOSE' DE MORAIS, no capitulo III, do seu livro *"Historia da Companhia de Jesus na extinta Provincia do Maranhão e Pará"*, veiu a morrer, martirizado pelos indios, tinjindo, assim, com sangue cristão, a historia da Companhia de Jesus nestas paragens brasiliicas.

• • •

Nestas horas santas, que passam, em que se comemoram os quatrocentos anos da fundação da Ordem Religiosa de Sto. Inacio de Loiola, os brasileiros catolicos, aqueles que nunca jamais deixaram de reconhecer os reais e inestimaveis serviços, que os filhos espirituais do grande Santo prestaram á patria comum, a este Brasil gigantesco e soberbo, unidos, num só pensamento, murmurando a mesma prece, volvem os olhos para o

alto e, corações elevados e enlevados, rogam á Providéncia Divina, por intermedio do imortal doutor da Igreja, derrame sobre os seus filhos as mais gloriosas méses, abençoando, tambem, este imenso, soberbo e maravilhoso país, para que os seus destinos sejam cada vez mais belos, mais amplos e luminosos, para maior gloria de Deus.

# José Ribamar Machado



Exmo. Sr. Dr. Interventor Federal.  
Revmo. Repres. do Sr. Arcebispo Metropolitano  
Ilustrado Dezor. Leopoldino Lisbôa.  
Dignos representantes do Clero.  
Ilustres diretores de Colégios.  
Distintos senhores e senhoras.  
Meus jovens Colegas.

Coube a mim, o mais humilde dos estudantes da gloriosa e tradicional Atenas Brasileira, a missão sobremaneira honrosa de, neste momento de alta espiritu-

lidade e de significação forte de civismo e de homenagem ao mérito, saudar, em nome da briosa e esforçada classe estudantina maranhense, os pioneiros da abnegação e do patriotismo, que, em realidade, são os beneméritos componentes da importante Companhia de Jesus.

Diante, senhores, da incubencia que por tão bondosa deferencia recaiu na minha pessoa, confesso me haver sentido pequenino para dela me desobrigar, considerada a valia de sua significação. Entretanto, senti em mim, como agora sinto, crepitante a chama do entusiasmo que faz avançar a juventude decidida e entusiasmada, a pró das causas nobres. Eis-me, aqui representando o espirito moço da gloriosa e magnifica terra, berço da inteligencia brasileira. E como não declarar o meu júbilo, alegria que expressa o sentimento da minha classe, se a oportunidade que aos jovens é apresentada é a de manifestar o seu preito de reconhecimento e de admiração, a quem tantos beneficios lhe tem proporcionado. Sim, meus delicados ouvintes, a mocidade não pôde esquecer os trabalhos dos jesuitas nas terras do Brasil. Forem êles que possuidos do mais alto espirito de renuncia e de amor ao próximo, abriram o ciclo para a civilização do nosso grande país.

E para melhor certificarmo-nos desta verdade, basta lançarmos um olhar ás paginas glorioas da historia patria, e encontraremos aí, as figuras venerandas e veneraveis e boas de Jesé de Anchieta, Manuel Nobrega, Antonio Vieira, Malagrita e tantos outros cujos feitos e prodigios são bastante para engrandecer uma Ordem.

O primeiro, jovem ainda, na florescencia da sua mocidade, deixa sua Patria extremecida, e vem semear a semente do bem e da comprehensão nas terras dadiosas do Brasil, e, anos depois, se achava êle demonstrando a sua abnegação e o seu interesse pela catequise dos selvícolas nas plagas longinquis e historicas de Iperoig, servindo-se das areias brancas de suas deslumbrantes

praias, para escrever os ensinamentos que trouxeram a luz da civilização os que se achavam nas trevas da ignorância.

E quem não se lembra do monumental poema á Virgem, nessas mesmas areias por êle riscado? ..

Autor da gramática Tupí, foi José de Anchieta, senhores, um catequista que soube se impor á admiração dos indígenas, recebendo, mui merecidamente, o título de "Apostolo do Brasil".

E Manuel da Nobrega, que todos nós também conhecemos, através de acontecimentos notáveis, ritimados pelo seu ardente zélo e amor aos gentios, que não descançou, enquanto não viu expulso de nossa terra o estrangeiro invasor, que aos donos da terra queria impor a escravidão.

E' oportuno lembrar as palavras extensivas a êle do protestante Southey:

"Não ha ninguem a cujo talento dêva o Brasil tantos e tão permanentes serviços".

Foi, portanto, vulto de grande relêvo nos primeiros tempos do Brasil.

Intimamente ligado ao Maranhão se encontra a figura por todos os títulos merecedora de reconhecimento de todos nós — Antonio Vieira: Educador emérito, evangelisadôr admirável, grande expoente de intelectualidade, a terra maranhense registra em letras de ouro, nos faustos de sua história, os serviços por êle prestados. Orador sacro, de recursos largos, os seus discursos aí estão, como manancial de onde brotaram, brilhantes, os lapidados cristais, dos mais belos vocabulos da escorreta construção da língua portuguêsa.

Meus senhores e minhas senhoras.

Nobrega, Anchieta e Vieira, foram estrelas cintilantes da constelação universal, dos espíritos puros e de coração, estrelas que continuam a dardejar os seus lampojos, guiando-nos para o caminho do Bem, do Amor e

da Perfeição. Rendamos a eles as nossas homenagens, a gratidão e o reconhecimento de todos os estudantes do Maranhão.

E assim fazendo, prestamos o nosso culto de sinceridade e de admiração á digna e benemérita Companhia de Jesus.

# João Francisco de Carvalho



*Tesoureiro da Comissão do 4.º Centenário  
dos Jesuitas e elemento de destaque nos  
meios religiosos de S. Luiz*





A Comissão, infra assinada, tem a subida honra de agradecer ás Exmas. autoridades o apoio prestado ás festas comemorativas do 4.<sup>º</sup> centenário da Companhia de Jesus, especialmente á P. R. J. - 9, Radio Difusôra do Maranhão, que irradiou a sessão realizada no Lítero Lítero Recreativo Português, o que muito contribuiu para maior brilho da solenidade.

*Des. Leopoldino do Rêgo Lisbôa* — Presidente  
*Farmco. Artur de Souza Rabut* — Secretário  
*João Francisco de Carvalho* — Tesoureiro





1941

Emprêsa Gráfica "TRIBUNA" Ltda.  
MARANHÃO

SÃO LUIZ  
DO  
MARANHÃO



BIBLIOTECA



Biblioteca Pública Benedito Leite